

**FRITZ HEIDER, A PSICOLOGIA DO SENSO COMUM
E A ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE**

**FRITZ HEIDER, COMMON SENSE PSYCHOLOGY AND
CAUSALITY ATTRIBUTION**

José Pedro Cerdeira
Politécnico de Coimbra (Portugal)

Email: jpcerd@esec.pt

ID. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5487-6612>

Recebido: 03/10/2022

Aceite: 18/01/2023

Publicado: 18/01/2023

RESUMO

No seu tempo, Fritz Heider construiu uma proposta teórica importante para vencer alguns dos limites da abordagem psicométrica, a qual teve grande impacto na reorganização dos estudos em Psicologia Social. Passados estes anos, pretende-se recuperar uma parte das reflexões originais do autor, com o objectivo de valorizar a dimensão subjectiva nos estudos sobre a percepção social da realidade e de recuperar a concepção do sujeito como um todo (uno e complexo, na senda da herança legada pela teoria da *gestalt*), contribuindo assim para a revitalização da perspectiva fenomenológica contemporânea no estudo do comportamento humano.

Palavras chave:

Fritz Heider; Psicologia do senso comum; atribuição causal; percepção social; teorias da atribuição

ABSTRACT

In his time, Fritz Heider built an important theoretical proposal to overcome some of the limits of the psychometric approach, which had a great impact on the reorganization of Social Psychology studies. After these years, we intend to recover part of the author's original reflections, with the purpose of enhancing the subjective dimension in the studies on the social perception of reality and recovering the conception of the subject as a whole (one and

Cerdeira, José Pedro (2023). Fritz Heider, a Psicologia do Senso Comum e a atribuição de Causalidade. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 57-76. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi21.26230>

complex, in the gestalt theory tradition), thus contributing to the revitalization of the contemporary phenomenological perspective in the study of human behavior.

Keywords:

attribution theories; causal attribution; Fritz Heider; Psychology of common sense; social perception

Introdução

As teorias da atribuição estudam os processos pelos quais as pessoas adquirem um sentido de controlo sobre a realidade através da construção de explicações sobre a vida quotidiana e a influência dessa explicação no comportamento (Marques & Sousa, 1982). Do ponto de vista histórico, estas teorias nascem com os trabalhos sobre a percepção social de Heider (1958, 1978 a/b/c), tendo depois evoluído em duas direcções diferentes (Kelley & Michela, 1980). Por um lado, na identificação dos factores que antecedem uma inferência causal (teorias da atribuição causal) e, por outro, na análise dos consequentes comportamentais, cognitivos e emocionais das atribuições (teorias atributivas ou atribucionais). No primeiro grupo, incluem-se os modelos de Jones e Davis (1965) e Kelley (1967), enquanto no segundo estão os estudos sobre a teoria atribucional da motivação para o desempenho de Weiner (1986).

Em ambos os casos (Figura 1), a influência de Heider foi importante, não apenas para a construção da semântica e da sintaxe das teorias, como também para ultrapassar os limites dos paradigmas e dos métodos de investigação sobre as atitudes (Reisenzein & Rudolph, 2008), nomeadamente através do reconhecimento do papel das percepções (ou das teorias implícitas) na orientação do comportamento humano e, sobretudo, da valorização dos processos cognitivos de construção de juízos sobre o que as pessoas são ou sobre as suas intenções ou motivações (Reich, 2006). Alguns autores (Suárez, 1982) acrescentam ainda que a influência de Heider foi também importante para perceber a eclosão de vários dos impasses em que a investigação veio a cair posteriormente.

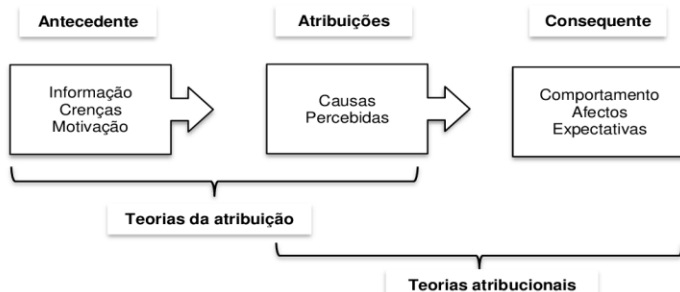


Figura 1: Modelo geral dos domínios de investigação sobre a atribuição (Kelley & Mischela, 1980)

A partir da recuperação de algumas das concepções de Heider sobre a denominada psicologia do senso comum, este artigo tem o duplo objectivo de contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno da procura de uma explicação para o que acontece na vida quotidiano e o de evidenciar o potencial desta teoria para a compreensão da complexidade das dinâmicas de relacionamento interpessoal (Bohm & Pfister, 2015).

Antes de Heider, o objectivo era medir.

Até aos anos 60 do século XX, a Psicologia Social centrou-se sobretudo em dois planos, por um lado, no estudo da dimensão social dos processos básicos da percepção, da atenção, da memória - na linha aberta pelos trabalhos de Titchener, Wundt e Helmholtz sobre a experiência interna imediata (Araújo, 2009) e, por outro, no estudo da representação cognitiva dos objectos, dos acontecimentos e das pessoas (Eiser, 1983). Em ambos os planos, a investigação visava atingir pelo menos três objectivos: a) avaliar a influência das motivações (necessidades) e dos impulsos (*drives*, no original) na formação de juízos e atitudes (com a identificação dos diferentes tipos) e com a análise da informação envolvida na formação destas), b) construir modelos estruturais da personalidade para descrever as atitudes e as diferenças individuais, através, por exemplo, da criação de instrumentos de

Cerdeira, José Pedro (2023). Fritz Heider, a Psicologia do Senso Comum e a atribuição de Causalidade. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 57-76. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi21.26230>

medida - do tipo escalas de diferencial semântico e de Likert e c) prosseguir com a realização de trabalhos experimentais para identificar os determinantes da formação e da mudança das atitudes (Harvey et al., 1985). O prosseguimento destes objectivos produziu um volume apreciável de instrumentos de medida e de dados e instalou a ideia optimista de as atitudes poderem ser entendidas como propriedades intrínsecas da personalidade e de por isso poderem ser usadas para prever a conduta humana, ou seja, a profusão de estudos descritivos e de dados quantitativos alimentou a ilusão de que conhecer significava medir e de que a combinação de diversas medidas seria suficiente para explicar a personalidade e prever o comportamento humano.

Contudo, após a IIª Guerra Mundial, a prática clínica no tratamento dos traumas psicológicos provocados pela experiência de combate obrigou a uma "reavaliação crítica - à luz da evidência fenomenológica - dos conceitos de necessidade, atitude e valor"¹ (MacLeod, 1978, p. 52), já que se tornou evidente que nem sempre atitudes semelhantes geram interpretações semelhantes de uma mesma vivência. Pelo que, segundo este ponto de vista, o estudo das variáveis psicológicas não se poderia reduzir apenas à medida de propriedades e à quantificação de diferenças nas medidas, já que todas as atitudes apresentam uma componente subjectiva específica, a qual não pode ser apreendida pelas abordagens psicométricas tradicionais.

Neste sentido, vários autores defenderam o recurso a abordagens alternativas, com o propósito de vencerem as dificuldades da discussão sobre o que são as atitudes (Pervin, 1984) e de assim alcançarem uma nova compreensão sobre o modo como as pessoas constroem uma representação do mundo e de como actuam em função dessa representação (Bohm & Pfister, 2015). Neste contexto, começou a afirmar-se a ideia que só uma visão fenomenológica e integradora poderia fornecer um conhecimento capaz de conduzir a um novo entendimento dos fenómenos sociais (Pervin, 1984), muito para além daquele que tinha sido proporcionado pelas abordagens estruturalistas e/ou experimentais tradicionais (MacLeod, 1978).

Com Heider, o objectivo era compreender a fenomenologia do todo

O papel de Fritz Heider para o desenvolvimento desta abordagem foi duplo. Por um lado, ao defender a necessidade de estudar a forma como as pessoas comuns² geram um entendimento sobre si próprias e sobre os outros, viu-se na contingência de ter de criar um sistema de conceitos e de conjecturas para o estudo das percepções sociais, e, por outro, ao promover o estudo dos processos usados para dar sentido às vivências pessoais, construiu um modelo conceptual para descrever, explicar e prever os comportamentos em função do modo como as pessoas comuns explicam subjectivamente a realidade ao seu redor (Malle, 2008).

Embora Heider já tivesse publicado em 1944 uma tese (“Social perception and phenomenal causality”, reeditado posteriormente em 1978a), em que problematizava a orientação dominante na investigação do seu tempo e onde antecipava algumas das críticas feitas mais tarde por Rotter (1954) e por Mischel (1973), foi somente com a publicação de “The psychology of interpersonal relations” em 1958, que se evidenciou a sua visão para a reorientação das investigações sobre a percepção social. Neste trabalho, Heider começa por sugerir que as pessoas estão motivadas para compreender o mundo à sua volta e que o fazem activamente através da procura das causas dos acontecimentos mais significativos (estruturando cognitivamente o meio ambiente como um todo), para depois vivenciarem estados emocionais específicos e para actuarem em consonância com essas cognições e emoções (Vala, 1991).

Em consequência deste entendimento, Heider defendeu que a Psicologia Social se deveria dedicar ao estudo dos processos pelos quais o “homem-da-rua procura justificar os acontecimentos superficiais e os sucessos que ocorrem na vida diária a um nível consciente” (Heider, 1958, p. 1), advogando a fundação de uma Psicologia do senso comum (*folk/naïf*), que a partir da análise da linguagem usada pelas pessoas nas relações interpessoais do dia-a-dia pudesse gerar novas ideias para a investigação científica e, em simultâneo, concorrer para a

“clarificação conceptual como um pré-requisito de uma investigação experimental mais eficiente” (1958, p. 4). É pois neste contexto que se deve considerar a reflexão e a proposta conceptual deste autor (Crespo & Freire, 2014). Mais do que um investigador, Heider ficou para a história da Psicologia Social como um pensador, cujas ideias, apesar de gerais e por vezes confusas (Suárez, 1982), inspiram ainda hoje gerações sucessivas de investigadores (por exemplo, Sanders et al., 2021).

As ideias de base da proposta teórica

A teoria de Heider apoia-se em duas ideias fundamentais. Uma sobre a importância da dimensão idiossincrática das representações da realidade, nomeadamente quando se trata de avaliar subjectivamente um objecto, um acontecimento ou uma pessoa. Outra sobre o valor da análise causal da percepção para explicitar as condições que antecedem a experiência perceptiva, as operações de mediação cognitiva e as consequências da fenomenologia dos objectos sociais (Heider, 1958). A recuperação do sentido destas duas ideias, bem como a distinção entre as mesmas, é essencial, porque permite compreender a razão de ser de várias polémicas ocorridas na investigação (MacLeod, 1978, Mischel, 1973) e porque permite justificar o poder heurístico das atribuições causais (Weiner, 2018a).

Quanto ao primeiro aspecto, é de realçar que a pertinência desta distinção se mantém hoje como no passado, visto que a investigação actual quase se esqueceu novamente da componente fenomenológica na percepção dos objectos sociais. Com efeito, apesar da herança *gestáltica* de Heider (Reisenzein & Rudolph, 2008) o ter conduzido a postular que o sujeito percebe os objectos sociais como um todo, no qual não é possível destrinçar nem as diversas componentes (do ponto de vista analítico), nem mesmo as múltiplas dimensões (cognitivas, emocionais...), com o decorrer dos anos, os investigadores centraram-se nos processos cognitivos de atribuição, criando modelos cada vez mais complexos, onde a computação de informação objectiva e, de certo modo também, a dimensão social, se afirmou como dominante (Weary et al., 1980). A perspectiva do “todo” fenomenológico perdeu-se de vista,

levantando a questão de se saber até que ponto o homem pode ou não ser considerado sob o paradigma analítico do "processador cognitivo de informação"... (Kidd & Amabile, 1981).

Quanto ao segundo aspecto, é de sugerir que uma das vias de resolução da crise apontada às teorias da atribuição (Kruglanski, 1980) pode passar pela reconsideração desta componente do pensamento de Heider (Reisenzein & Rudolph, 2008). De facto, se no passado, a distinção entre estes dois níveis de análise já foi responsável pela profusão dos estudos, também hoje, a diferenciação dos planos da análise ingénuo da acção da pessoa comum (Psicologia do senso comum) e da análise experimental de produção de conhecimento científico (Levy et al., 2006), poderá ser útil para sair deste novo impasse.

Para esse desígnio, será de evitar a confusão entre o processo pelo qual as pessoas elaboram uma determinada percepção do mundo, gerando "produtos" (tais como expectativas, valores, atribuições...), e o processo pelo qual o investigador analisa a influência dessas cognições sobre a acção do sujeito.

Apesar do poder da analogia entre os dois níveis de produção de conhecimento (Heider, 1958, Kelley, 1967), é de ter em consideração que se trata apenas de uma analogia e não de uma norma. O que significa que a investigação científica deverá voltar a ter em conta que as cognições formam um todo uno (no plano fenomenológico), pelo que a investigação sobre o "todo" perceptivo (ou estrutura) deverá também focar a sua atenção na influência do "todo uno" sobre cada uma das partes (incluindo aquela que mais determina a acção concreta do sujeito). Este aspecto denuncia as limitações dos estudos atomistas-associacionistas experimentais, envolvendo apenas uma ou duas variáveis independentes e, correlativamente, evidencia o potencial inerente à utilização de métodos estatísticos de análise conjunta de dados de diferentes variáveis em inter-relação - como as equações estruturais.

Principais contributos de Heider

A respeito da influência de Heider para o desenvolvimento da investigação em Psicologia Social, importa recuperar algumas

das traves mestras sugeridas por este autor para a configuração da arquitectura conceptual das teorias da atribuição.

Primeiro, para Heider o homem é concebido como um ser predominantemente activo. As pessoas não se limitam a reagir às solicitações do meio envolvente, pelo contrário, empenham-se profundamente na análise cognitiva da informação de que dispõem, com o propósito de organizarem uma representação coerente e significativa da realidade (Kruglanski, 1980). Na prossecução desse objectivo, têm tendência a realizar atribuições pessoais no que diz respeito à justificação das alterações percebidas no meio envolvente. Neste sentido, se entende o homem como “o protótipo das origens”. Significando essa expressão que as pessoas ordinariamente se inclinam para justificar toda e qualquer mudança observada no meio ambiente através da evocação de uma causa humana (Heider, 1978a, p.2-3).

Segundo, este aspecto da teoria é fundamental, porque conduz a outro de igual importância. Com efeito, e de acordo com Heider também (1978a/c), o homem deve ser analisado no contexto das relações de influência recíproca que desenvolve com os seus semelhantes, ou seja, a sua teoria da percepção social justifica-se a partir de um pressuposto iminente interacionista, profundamente influenciado pelas teses da Psicologia da *gestalt* (Garcia-Marques, 1991) e, em particular, pelo trabalho de Lewin, com quem colaborou em diversos projectos de investigação e de quem recebeu várias influências importantes (Heider, 1959, Malle, 2008). Este qualificativo interacionista da teoria, claramente reflectido no próprio título da sua obra mais significativa: *The psychology of interpersonal relations* (1958), nem sempre tem sido devidamente realçado, especialmente por aqueles autores que se dedicam mais ao estudo dos processos cognitivos subjacentes às atribuições causais.

Terceiro e último, ao referir-se à percepção social da realidade, Heider admite que nem sempre as pessoas descortinam correctamente as causas de um dado acontecimento. O que significa que é próprio do senso comum proceder a análises causais desprovidas de sistematicidade, daí que se entenda que todo o processo de percepção de um objecto encerra em si erros e distorções (Park et al., 2006; Ross, 1981). De acordo com a teoria,

estes erros são justificados porque as pessoas procuram satisfazer necessidades pessoais através do tipo de explicação causal que dão de um acontecimento. Deste modo identifica-se uma tendência das pessoas atribuírem o mérito dos sucessos a si mesmas e a atribuírem a responsabilidade dos fracassos ao meio (ou aos outros). Em última instância, este tipo de estratégia permite, do ponto de vista fenomenológico, preservar uma sensação de segurança, bem como a auto-estima pessoal (Heider, 1978a/c).

Esta tese da teoria de Heider foi aprofundada por Snyder et al. (1978), Ross (1981), Kelley e Mischela (1980) e Abramsom et al. (1978), entre outros, os quais focaram os seus estudos na análise de um fenómeno que ficou conhecido por atribuição defensiva (Snyder et al., 1978), referindo-se o mesmo à tendência (ou erro) fundamental de algumas pessoas em assumirem a responsabilidade pelos seus sucessos e de atribuírem os seus fracassos a factores exteriores. De acordo com os estudos sobre o estilo atribucional, as pessoas tendem a adoptar esta estratégia para protegerem a sua auto-estima, para preservarem uma sensação de controlo dos acontecimentos e, por fim, para fornecerem uma imagem positiva de si aos outros (Kelley & Mischela, 1980).

Outros contributos da proposta de Heider

Sobre estas bases, Heider desenvolve diversas reflexões para o problema do conhecimento científico dos fenómenos de percepção e propõe novas conjecturas para organizar a investigação na Psicologia Social, as quais ainda hoje são importantes.

Neste sentido, destaca-se uma primeira, relacionada com as razões que conduzem as pessoas no sentido da aquisição de um conhecimento de si, dos outros e do mundo em geral. De acordo com este autor, o conhecimento adquirido pelo senso comum, apesar de ser superficial e pouco sistemático, é utilizado no quotidiano para estabelecer previsões sobre as consequências de uma acção ou sobre as eventuais causas responsáveis por um efeito observado. Tomando por metáfora os objectivos subjacentes à produção do conhecimento científico, Heider defende que, à sua

dimensão específica, também o conhecimento do senso comum visa estabelecer uma representação estável e previsível da realidade, preenchendo desse modo a “necessidade intrínseca de controlo do homem comum” (Heider, 1958, p. 79).

Na medida em que um acontecimento é justificado através de uma causa específica, as pessoas geram um conhecimento que lhes permite prever, por exemplo, o efeito decorrente da manipulação futura da causa assinalada, desenvolvendo assim uma representação estável do mundo e uma sensação de controlo sobre os acontecimentos do seu quotidiano significativo (Levy et al., 2006, Martinko & Mackey, 2019, Park et al., 2006).

No seguimento deste ponto de vista, a análise ingénua da acção trata de estudar a fenomenologia dos processos pelos quais as pessoas atribuem as consequências das acções a distintos factores. A este respeito, é de sublinhar, mais uma vez, que a analogia entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum - proposta por Heider, se limita apenas aos objectivos que ambos perseguem e não aos procedimentos usados para os alcançar. Ambos os tipos de conhecimento visam estabelecer previsões e uma visão coerente do mundo, contudo, enquanto a produção do conhecimento científico segue procedimentos sistemáticos, o conhecimento do senso comum segue uma via espontânea e fortuita, permitindo-se simplificações, distorções e omissões que não são admissíveis para a ciência.

Um segundo contributo de Heider para o desenvolvimento teórico e empírico ulterior diz respeito à herança semântica ou ao património terminológico que legou aos investigadores. Para identificar os conceitos subjacentes ao conhecimento gerado pelo senso comum, bem como as relações entre os mesmos, Heider (1958, 1959) tomou por referência vários termos de Lewin (por exemplo, campo psicológico, forças, espaço vital...), tendo depois concebido um novo método de trabalho baseado na análise de palavras colhidas das fábulas e das interacções verbais do quotidiano. O seu objectivo foi o de chegar a um conjunto limitado de termos, de cujas combinações pudesse emergir uma espécie de sintaxe ou “gramática” capaz de apreender o fenómeno em estudo.

De acordo com Suárez, este procedimento torna-se “um tanto confuso, pois que mistura dois métodos dificilmente

compatíveis. Por um lado, institui um método de análise de tipo semiótico, com o qual se pretende destringer o sentido de certas descrições e palavras (ou signos) de uso ordinário e, por outro, tenta remeter os significados encontrados para um conjunto restrito de conceitos com características idênticas aos de Kurt Lewin" (Suárez, 1982, p. 35). No entanto, e não obstante a pertinência da crítica e a reconhecida falibilidade do método, o certo é que as investigações empíricas posteriores se passaram a expressar no interior desta espécie de mapeamento conceptual, onde alguns dos objectos de investigação são denominados a partir do vocabulário criado por Heider (Reisenzein & Rudolph, 2008).

O modelo conceptual

Definido assim o contributo genérico do trabalho de Heider, resta apresentar o seu modelo conceptual para dar inteligibilidade às estratégias seguidas pelas pessoas para explicarem os acontecimentos vividos e para organizarem uma visão coerente e previsível da realidade.

Do ponto de vista do sujeito, que tenta compreender a sua conduta e a dos outros, "o resultado de uma acção depende de dois conjuntos de factores: forças localizadas dentro da pessoa e forças ambientais.(...). O resultado de uma acção depende ainda da combinação das forças pessoais e das forças ambientais" (Heider, 1958, p. 82), podendo ambas produzir um efeito aditivo na determinação do resultado de uma acção (Marques & Sousa, 1982). Se as forças ambientais são percebidas como de expressão nula, então o resultado é predominantemente atribuído às forças pessoais e vice-versa (Figura 2).

Os factores pessoais podem ser de dois tipos: motivação (*trying*) e habilidade/capacidade (*ability/power*). Quando ambos os factores estão presentes, então o indivíduo percebe-se e é percebido como um agente causal, responsável pelas consequências produzidas, ou seja, como um ser gerador de acções dirigidas à realização de objectivos. Por seu lado, os factores ambientais referem-se às condições externas do ambiente capazes de influenciar em maior ou menor grau a acção.

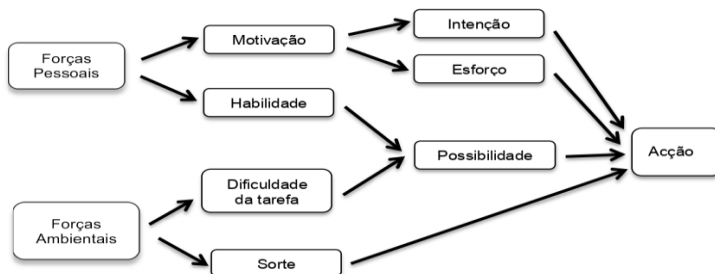


Figura 2: Factores envolvidos na determinação das relações causais na percepção de um fenómeno (Heider, 1958)

Estas forças podem ser de dois tipos: se produzem efeitos estáveis ao longo da execução da acção, então referem-se ao grau de dificuldade da tarefa. Se, pelo contrário, são instáveis, ora facilitando, ora dificultando sem qualquer regularidade aparente, então referem-se à sorte. Do mesmo modo, se a tarefa for percebida como difícil e se as condições de execução da acção forem imponderáveis, então as pessoas tenderão a atribuir os resultados a factores externos ao sujeito (forças ambientais).

Quando as pessoas atribuem as consequências de uma acção a factores pessoais e quando avaliam a dimensão motivacional na formulação de um juízo, então examinam as informações relativas, por um lado, às intenções (*intention*), apreciando até que ponto a acção observada é ou não direccionada para a prossecução de uma meta, e, por outro, ao esforço alocado à conduta (*exertion*), apreciando o grau em que o sujeito se envolveu na execução da acção. Por sua vez, quando avaliam a habilidade/capacidade do sujeito, tomam em consideração as informações relativas ao estado de fadiga, à experiência na situação, às necessidades pessoais que procuram satisfazer, às ajudas que recebem de outras pessoas, às crenças que expressam sobre a situação, etc.

A apreciação do conjunto destas informações, quando articulada com a avaliação do grau de dificuldade da tarefa, contribui para a estimação das possibilidades do sujeito a respeito da determinação da sua competência para a execução da acção em análise. Se porventura a tarefa for percebida como difícil e se o

sujeito for percebido como incapaz ou inábil, então as possibilidades dos resultados da acção serem atribuídos ao sujeito serão reduzidas, justificando-se a atribuição a forças ambientais. Eventualmente, se o sujeito for percebido como altamente motivado (se os seus comportamentos forem entendidos como intencionais ou se a acção denotar um esforço elevado), então a atribuição dos resultados a forças pessoais ou a forças ambientais irá depender da ponderação dos pesos relativos de cada um dos grupos de factores considerados.

Baseando-se neste conjunto de proposições e suportando-se nos dados colhidos da análise das explicações verbalizadas pelas pessoas nas relações de interacção do quotidiano, Heider (1958) expressa uma tese central, afirmando que - na análise causal de um fenómeno social, as pessoas avaliam a responsabilidade das consequências de uma acção a partir da ponderação de informações relativas ao poder (*can* - possibilidade), ao querer (*want* - intenção) e ao tentar (*try* - esforço). Ou seja, frente à necessidade de obter uma visão compreensível do mundo, que permita organizar os meios disponíveis para obter as consequências previstas, as pessoas ordinariamente percebem um objecto social em função da capacidade/habilidade e da motivação do agente da acção, do grau de dificuldade da tarefa e dos factores imponderáveis como a sorte.

Poder heurístico do modelo

De acordo com estas teses, o modelo permite gerar novas hipóteses de investigação. Por exemplo, num contexto organizacional de gestão de equipas, será que responsabilização pessoal de um colaborador por um bom resultado tem efeitos na sua motivação? Será que a motivação de um colaborador depende da avaliação positiva da sua *habilidade* para executar as tarefas de trabalho? E da sua determinação para obter o resultado em consideração (*intenção*)? E da avaliação das condições mobilizadas para a realização das tarefas (*esforço*)? E da avaliação da qualidade de realização da tarefa por comparação com os outros? E da obtenção de um resultado inédito, nunca

antes alcançado (*dificuldade da tarefa*)? Será que as práticas de comunicação da avaliação do desempenho em função destes parâmetros poderá influenciar a motivação do colaborador? Poderá a gestão da comunicação organizacional com este referencial ter impacto no desempenho das equipas, e dos departamentos ou da organização com um todo?

Do ponto de vista individual, o modelo permite prescrever que se um colaborador pretender ver reconhecida a sua responsabilidade pessoal pela produção de um bom resultado, então deve começar por declarar os seus propósitos de realização (*intenção*), para depois se empenhar na realização das tarefas contingentes com o fim a atingir (*esforço*), evidenciando assim a sua *motivação* pessoal para a tarefa e, em simultâneo, apresentar-se como estando na posse dos conhecimentos, das competências ou da experiência específica (*habilidade*) mais adequada ao *grau de dificuldade* do desafio para depois evidenciar o quanto os resultados desejados estão dentro das suas *possibilidades*.

O que significa que, do ponto de vista das lideranças das equipas, a obtenção de ganhos de produtividade pela motivação dos colaboradores pode produzir-se pela optimização das decisões sobre a gestão dos recursos a disponibilizar aos colaboradores. Concretamente, de acordo com as previsões do modelo, a motivação (e o desempenho) dos colaboradores pode ser melhorada com sistemas de formação centrados no desenvolvimento de *competências* relacionadas com as tarefas, com sistemas de avaliação do desempenho capazes de valorizar as acções contingentes com os bons resultados (*esforço*), com sistemas de comunicação interna bidireccionais, para identificar motivações e objectivos dos colaboradores (*intenção*) e para promover o reconhecimento da responsabilidade pela produção dos ganhos de produtividade (eliminação do factor *sorte*), com sistemas de definição de objectivos ajustados às necessidades dos colaboradores, com sistemas de distribuição de tarefas e responsabilidades desafiantes e ajustadas às competências dos executantes (*dificuldade da tarefa*), etc (Crespo & Freire, 2014, Martinko & Mackey, 2019, Park et al., 2006).

Se, pelo contrário, um gestor de equipa se der conta que o colaborador não possui as *competências* necessárias para a

realização do objectivo em consideração, ou se este não tem a *intenção* de dirigir os seus esforços para a prossecução dos resultados desejados, ou se não quer produzir o *esforço* necessário para executar a tarefa, ou ainda se a natureza da *tarefa* está desajustada, então, de acordo também com as teses de Heider, é provável que o gestor interprete o insucesso na tarefa atribuindo-o a *factores alheios* ao colaborador (forças externas ou ambientais, como a *sorte*), com o propósito de manter a percepção do controlo sobre a tarefa e de preservar a motivação dos colaboradores perante um fracasso.

O que significa que a percepção da realidade como um todo é tão importante como a realidade em si, ou até mais importante que a própria realidade, por exemplo, em determinados contextos de motivação para a mudança e para a inovação em situações novas e complexas. E isto porque o senso comum tende ingenuamente a explicar a produção de um resultado em função da avaliação fenomenológica que faz dos factores culturalmente considerados para a explicar (motivação, habilidade, natureza tarefa e sorte) e não tanto em função da avaliação objectiva e sistemática (e científica) da realidade em si. Do ponto de vista fenomenológico, o comportamento das pessoas comuns é mais determinado pela percepção da realidade do que pela realidade.

Retomando o exemplo anterior, o modelo permite supor que um colaborador, mesmo quando é realmente responsável pela produção de um bom resultado, deve ter em atenção a forma como comunica o seu desempenho para que a percepção da sua responsabilidade pessoal na determinação do sucesso de um desafio seja percebida como um todo, em que diversos elementos se conjugam em consonância: manifestação da intenção de ser bem sucedido, realização do esforço correspondente, explicitação da posse das competências requeridas para a produção do resultado e afirmação da convicção de que o desafio está ao alcance das suas possibilidades. Neste sentido, ainda hoje se realizam estudos para explorar evidências empíricas de apoio a estas conjecturas, por exemplo, na gestão de recursos humanos nas organizações (van Rossenberg, 2021), na gestão das decisões para responder a crises (Carson et al., 2020), na avaliação da experiência profissional dos candidatos a recrutamento (Carless &

Waterworth, 2012), etc. O que evidencia bem o valor heurístico da dimensão fenomenológica da teoria.

Considerações finais

Considerando os trabalhos produzidos sobre os processos da atribuição e a popularidade granjeada pelas teorias, assim como as promessas de inteligibilidade para uma vasta gama de fenómenos sociais, até aos anos 70 do século XX, ocorreu um autêntico *boom* neste domínio de investigação (Hewstone, 1983), ao ponto de alguns autores chegarem a sugerir que atribuir é tudo (Langer, 1978) e que a Psicologia Social quase se poderia reduzir às teorias da atribuição (Harvey & Weary, 1981). No entanto, embora a influência das teorias da atribuição na Psicologia Social seja de ordem a que “em qualquer domínio, onde um investigador procure compreender o modo como as pessoas se percebem a si e ao seu mundo, se torne possível identificar uma contribuição destas teorias” (Harvey et al., 1985, p. 2), alguns dos maiores contributos da reflexão original de Heider parecem estar a perder-se.

Com este ensaio, pretende-se recuperar as traves mestras do trabalho de Heider para a partir delas obter ganhos de compreensão da complexidade do comportamento humano. Neste sentido, destacam-se os seguintes:

Primeiro, a investigação dos processos psicológicos pelos quais as pessoas constroem uma visão do mundo não se pode reduzir a uma dimensão cognitiva, nem a um entendimento do ser humano como um mero processador de informação (Kidd & Amabile, 1981), pelo que a investigação deve envolver uma dimensão fenomenológica, em que a subjectividade e a especificidade da experiência individual deve ser considerada como relevante.

Segundo, apesar da produção de conhecimento sobre o comportamento humano poder ser mais facilitada pelos paradigmas atomistas-associacionistas, também é certo que esta visão analítica pode criar dificuldades significativas, pelo que a “abordagem conceptual de Heider derivado da sua tentativa de aplicar as noções e princípios da Psicologia da *Gestalt* na construção de uma teoria da percepção social” (Eiser, 1983, p. 94) tem um mérito específico

que é necessário recuperar. O que significa que o estudo analítico e quantitativo de todas as partes de um fenómeno complexo não garante a compreensão do todo, sendo sempre necessário voltar às abordagens mais globais e integradoras.

Terceiro, embora se possa sustentar que quase todas os processos psicológicos de construção de representações sobre a realidade possam incluir uma componente atributiva (Kelley, 1967), é excessivo pretender reduzir a complexidade da natureza humana a um mero processo cognitivo de inferências causais de acontecimentos (Kidd & Amabile, 1981). As pessoas são mais do que processadores de informação.

Quarto, as pessoas constroem percepções das realidades exteriores e integram-nas no seu “espaço vital”, agindo em função do sentido de coerência da sua representação do mundo e não em função do mundo em si (Heider, 1958, p. 15), pelo que o comportamento pode ser determinado por visões subjectivas e parcelares, as quais apesar de envolverem erros e distorções, são percebidas pelo sujeito como um todo coerente, portador de um sentido pessoal relevante (Quirino, 2012).

Referências

- Abramson, L.; Seligman, M.; Teasdale, J. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87, 49-74.
- Araújo, S. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientiae Studia*, 7(2), 209-220.
- Bohm, G.; Pfister, H.-R. (2015). How people explain their own and others' behavior: A theory of lay causal explanations. *Frontiers in Psychology*, 6, 139, DOI: 10.3389/fpsyg.2015.00139
- Carless, S.; Waterworth, R. (2012). The importance of ability and effort in recruiters' hirability decisions: An empirical examination of attribution theory. *Australian Psychologist*, 47, 232-237.
- Carson, J.; Waddingham, J.; Mackey, J. (2020). Organization member action proximity and attributions for managerial crisis response failure. *Management Decision*, 58(10), 2177-2193.
- Crespo, E.; Freire, J. (2014). La atribución de responsabilidad: De la cognición al sujeto. *Psicología & Sociedad*, 26, 271-279.
- Eiser, J. (1983). Attribution theory and social cognition. In J. Jaspars, F. Fincham, & M. Hewstone (Eds.), *Attribution theory and research:*

Conceptual, developmental and social dimensions (pp. 91-113). London (UK): Academic Press.

Garcia-Marques, L. (1991). Heider: O protótipo das origens do estudo da atribuição. *Psicologia*, 8(1), 161-165.

Harvey, J.; Weary, G.; Stanley, M. (1985). Introduction: Attribution theory and research, In Harvey, J.; Weary, G. (Eds.), *Attribution: Basic issues and applications* (pp.1-4). Orlando, Florida (USA): Academic Press.

Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York (USA): J. Wiley & Sons.

Heider, F. (1959). On Lewin's method and theory. *Journal of Social Issues*, 15(S13), 3-13.

Heider, F. (1978a). Social perception and phenomenal causality. In Tagiuri, R.; Petruccio, L. (Ed.), *Person perception and interpersonal behavior* (pp. 1-21). Stanford (USA): Stanford University Press.

Heider, F. (1978b). Perceiving the other person. In Tagiuri, R.; Petruccio, L. (Ed.), *Person perception and interpersonal behavior* (pp. 22-26). Stanford (USA): Stanford University Press.

Heider, F. (1978c). Consciousness, the perceptual world and communications with others. In Tagiuri, R.; Petruccio, L. (Ed.), *Person perception and interpersonal behavior* (pp. 27-32). Stanford (USA): Stanford University Press.

Hewstone, M. (1983). Attribution theory and common sense explanations. In Hewstone, M. (Ed.), *Attribution theory. Social and functional extensions* (pp.1-26). Oxford (UK): Basil Blackwell.

Jones, E.; Davis, K. (1965). From acts to dispositions: The attribution process in person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 219-266). New York (USA): Academic Press.

Kelley, H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska symposium on motivation* (pp. 192-238). Lincoln (USA): University Nebraska Press.

Kelley, H.; Michela, J. (1980). Attribution theory and research. *Annual Review of Psychology*, 31, 457-501.

Kidd, R.; Amabile, T. (1981). Causal explanation in social interaction: Some dialogues on dialogue. In J. Harvey, W. Ickes, & R. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (pp.307-328). Hillsdale, Michigan (USA): Lawrence Erlbaum.

Kruglanski, A. (1980). Lay epistemologic process and contents: Another look at attribution theory. *Psychological Review*, 87, 70-87.

Langer, E. (1978). Rethinking the role of thought in social interaction. In Harvey, J.; Ickes, W.; Kidd, R. (Eds.), *New directions in attribution research* (pp.35-58). Hillsdale, Michigan (USA): Lawrence Erlbaum.

Cerdeira, José Pedro (2023). Fritz Heider, a *Psicologia do Senso Comum e a atribuição de Causalidade*. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 57-76. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi21.26230>

- Levy, S.; Chiu, C.; Hong, Y. (2006). Lay theories and intergroup relations. *Group Process. Intergroup Relations*, 9, 5–24.
- MacLeod, R. (1978). The phenomenological approach to social psychology. In Tagiuri, R.; Petrullo, L. (Eds.), *Person perception and interpersonal behavior* (pp. 33-53). Stanford (USA): Stanford University Press.
- Malle, B. (2008). Fritz Heider's legacy. Celebrated insights, many of them misunderstood. *Social Psychology*, 39(3), 163-173.
- Marques, J.; Sousa, E. (1982). A teoria da atribuição: Para uma análise do senso-comum. *Psicologia*, 3(2), 119-144.
- Martinko, M.; Mackey, J. (2019). Attribution theory: An introduction to the special issue. *Journal of Organizational Behavior*, 40(5), 523-527.
- Mischel, W. (1973). Toward a cognitive social learning reconceptualization of personality. *Psychological Review*, 80, 252-283.
- Park, J.; Choi, I.; Cho, G. (2006). The actor-observer bias in beliefs of interpersonal insights. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(6), 630-642.
- Pervin, L. (1984). Idiographic approaches to personality. In Endler, N.; Hunt, J. (Eds.), *Personality and the behavioral disorders* (pp. 261-282). New York (USA): J. Wiley & Sons.
- Quirino, T. (2012). Vertentes da psicologia social moderna: Mead e Heider. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5(2), 159-176.
- Reich, R. (2006). Self-doubt, attribution, and the perceived implicit theories of others. *Self and Identity*, 5, 89-109.
- Reisenzein, R.; Rudolph, U. (2008). The discovery of commonsense psychology. *Social Psychology*, 39(3), 125-133.
- Ross, L. (1981). The 'intuitive scientist' formulation and its developmental implications. In Flavell, J.; Ross, L. (Eds.), *Cognitive development. Frontiers and possible futures* (pp. 1-42). Cambridge, Cambridge University Press.
- Rotter, J. (1954). *Social learning and clinical psychology*. Englewood Cliffs, New Jersey (USA): Prentice Hall.
- Sanders, K.; Yang, H.; Patel, C. (Eds.) (2021). *Handbook on HR process research*. Cheltenham (UK): Edward Elgar.
- Snyder, M.; Stephan, W.; Rosenfield, D. (1978). Attributional egotism. In Harvey, J.; Ickes, W.; Kidd, R. (Eds.), *New directions in attribution research* (pp.91-117). Hillsdale, Michigan (USA): Lawrence Erlbaum.
- Suárez, E. (1982). Los procesos de atribución causal. *Estudios de Psicología*, 12, 34-45.
- Vala, J. (1991). O que há de novo num texto velho - a propósito do artigo de Heider: Social perception and phenomenal causality (1944). *Psicologia*, 8(1), 157-159.

Cerdeira, José Pedro (2023). *Fritz Heider, a Psicologia do Senso Comum e a atribuição de Causalidade*. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 57-76. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi21.26230>

Van Rossenberg, Y. (2021). Perceptions of HRM: When do we differ in perceptions? When is it meaningful to assess such differences? In Sanders, K.; Yang, H.; Patel, C. (Eds.), *Handbook on HR process research* (pp.46-68). Cheltenham (UK): Edward Elgar.

Weary, G.; Rich, M.; Harvey, J.; Ickes, W. (1980). Heider's formulation of social perception and attributional processes: Toward further clarification. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 6, 37-43.

Weiner, B. (1986). *An attributional theory of motivation and emotion*. New York (USA): Springer-Verlag.

Weiner, B. (2018a). The legacy of an attribution approach to motivation and emotion: A no-crisis zone. *Motivation Science*, 4(1), 4–14.

Weiner, B. (2018b). The contributions of an attribution approach to emotion and motivation. *Polish Psychological Bulletin*, 49(1), 3-10.

Para saber mais acerca do autor...

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação, Politécnico de Coimbra (Portugal). Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de Coimbra (Portugal). Director das Licenciaturas diurna e pós-laboral de Comunicação Organizacional da Escola Superior de Educação, Politécnico de Coimbra (Portugal). Investigador integrado no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20 – UC) da Universidade de Coimbra (Portugal) e no Instituto de Investigação Aplicada (i2A - IPC) do Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal). É colaborador no SUScita (Instituto Politécnico de Coimbra).

Como citar este artigo...

Cerdeira, José Pedro (2023). Fritz Heider, a Psicologia do Senso Comum e a atribuição de Causalidade. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 21, 57-76.

DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi21.26230>

¹ Todas as traduções são da responsabilidade do autor.

² Ao longo do texto, as expressões “pessoa comum” e “homem de rua” serão usadas para traduzir a expressão inglesa original de “ordinary people”.